

JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA.

¹Maria Irene Delbone Haddad; ²Rogério Delbone Haddad

Universidade Federal de Rondônia/irene.haddad@hotmail.com

Universidade Tiradentes e Instituto Federal de Educação de Rondônia/haddad-rog@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, pretendem-se demonstrar a construção teórica formulada por Judith Butler acerca da constituição de gênero, a fim de compreender as desigualdades de gêneros na contemporaneidade e as dificuldades das mulheres contestarem a subalternidade feminina, corroborando com a afirmação de identidades. A abordagem será à luz do pensamento filosófico Judith Butler, que traz a biologia para o campo do social, motivo pelo qual se tornou um dos principais nomes da atualidade nos estudos de gênero. Os resultados dessas reflexões tendem a quebrar a ditadura da heteronormatividade, que tem gerado problemas para o avanço nas ações de combate aos preconceitos.

PALAVRAS CHAVES: Gênero, Butler, identidade, heteronormatividade.

ABSTRACT

In this article, we intend to demonstrate the theoretical construction formulated by Judith Butler about the constitution of gender, in order to understand the gender inequalities in the contemporary world and the difficulties of women to contest the female subalternity, corroborating with the affirmation of identities. The approach will be in the light of philosophical thinking Judith Butler, who brings biology to the social field, which is why she has become one of the leading names in genre studies today. The results of these reflections tend to break the dictatorship of heteronormativity, which has generated problems for the advance in the actions to combat the prejudices.

KEY WORDS: Gender, Butler, identity, heteronormativity.

1 INTRODUÇÃO

“[...] se poderia dizer que todo meu trabalho gira ao redor desta questão: o que é o que conta como uma vida? E de que maneira certas normas de gênero restritivas decidem por nós? Que tipo de vida merece ser protegida e que tipo de vida não?” (Judith Butler, in Birulés, 2008).

Este trabalho abordará o pensamento da filósofa Judith Butler, acerca dos atos performativos e a constituição de gênero. Pretende-se situar estas abordagens como expressão da luta feminista e da liberdade de escolha dos gêneros. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas as pesquisas bibliográficas de Judith Butler, dando ênfase para o artigo “Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista”. Objetivando combater

(83) 3322.3222

contato@enlacandosexualidades.com.br

www.enlacandosexualidades.com.br

a discriminação e a violência física e psicológica de gênero contra mulheres e pessoas que possuem outra ética sexual que não seja as culturalmente definidas pela ideologia dominante. Tema que vem provocando grandes debates na contemporaneidade.

Os estudos de gêneros provocam na contemporaneidade discussões sobre desigualdade na relação de poder, marcada historicamente por um patriarcalismo que instaura grupos divergentes conservadores que não aceitam que sejam discutidos nas escolas sobre a identidade de gêneros, questionando a retirada das políticas nacionais em sua inserção. Esta mesma sociedade que se opõe a identidade de gênero deixa penetrar no seu lar diariamente através das mídias, o fato do homossexualismo como algo natural.

Percorrem-se conceitos discutidos por Butler, referente a constituição de gênero e corpo, enfatizando o diálogo dela com as ideias de Merleau-Ponty e Beauvoir.

Judith Butler é filósofa pós-estruturalista, estadunidense, professora de Literatura Comparada e Retórica na Universidade da Califórnia. Conhecida como teórica do poder, sexualidade, gênero e da identidade, e uma das criadoras da Teoria Queer, vertente de estudos em que continuam a atuar e publicar, Butler tem aversão a estereótipos que rotulam a identidade de gênero.

Constituição de gênero

No trabalho de Judith Butler, "Atos Performativos e Constituição de Gênero: Um Ensaio em Fenomenologia e Teoria Feminista", a autora descreve que "a identidade de gênero é uma realização performativa compelida pela sanção social e tabu". Assim gênero é constituído por uma série de "atos" repetitivos ao longo do tempo, pois quando eu digo, eu estou fazendo alguma coisa também, essa construção de gênero e sexualidade se dá pela repetição desses discursos, assim cria o gênero e não algo que um sujeito criou individualmente para si mesmo. Portanto, a identidade de gênero é instituída através da repetição estilizada de atos performativos, e gênero é formado por esta estilização do corpo, ou seja, você teatraliza, através de gestos corporais, falas, movimentos, os papéis e as encenações, dando a sensação de um gênero estabelecido, que está em constante transformação. E, concordando com Beauvoir, reforça que o gênero é construído, não por um "eu" ou por um "nós" necessariamente. A estrutura binária dos gêneros está moldada numa relação de poder, que nem é percebido, neste ponto ela busca Foucault, onde o sujeito é moldado nas relações de poder, a serviço dos interesses reprodutivos.

Butler revisita Simone de Beauvoir, quando ela afirma que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher", no livro "O Segundo Sexo", lançado em 1949. Neste sentido Butler considera que o

“gênero não é de modo algum uma identidade estável ou um local de ação, do qual provêm vários atos; é antes uma identidade tenuemente constituída no tempo”, portanto cada pessoa nasce com seu sexo biológico, que a define como um ser do sexo masculino ou feminino, o papel do homem e da mulher é constituído culturalmente, e muda conforme a sociedade e o tempo, portanto é histórico. Butler considera que os gêneros masculino e feminino, são uma estrutura binária de gênero dominada de maneira sutil, que não se percebe tal poder, criando assim uma matriz heterossexual, taxando o sujeito de acordo com sua genitália. E este papel começa a ser construído, desde que o bebê está na barriga da mãe, que através de exames descobre o sexo e a família, de acordo com as expectativas começa a preparar o enxoval, conforme o sexo. A frase de Beauvoir, mostra que enquanto o sexo no conceito biológico diz respeito a um atributo anatômico, no conceito de gênero refere-se ao masculino e o feminino como uma “construção social”.

Por esse entendimento, a cultura impõe práticas entendidas como femininas ou masculina, que se chama “performatividade” (BUTLER, 1990, p. 8), excluindo quem não se enquadra nestes comportamentos impostos, para essa princípio Butler denomina “heteronormatividade”. Dessa maneira a identidade não descreve a realidade, é imposta.

Butler expõe que as identidades de gêneros atualmente apresentadas são excludentes, portanto a necessidade de desconstruí-las, para acolher todas da maneira como cada um deseja ser.

Desse modo, dizer que o gênero é performativo significa que gênero não é algo que nós somos, mas que continuamente fazemos, através da repetição das normas de gênero, que se cristalizam, imposto por práticas regulatórias. Butler descreve: “Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 1990, p. 200)

Quando Butler relata que “Merleau-Ponty defende não só que o corpo é apenas uma ideia histórica, mas também, um conjunto de possibilidades a serem continuamente realizadas. Ao afirmar que o corpo é uma ideia histórica.” (BUTLER, 2011, p. 72), descreve que esse mesmo “corpo não é uma materialidade idêntica a si própria ou meramente fáctida: é uma materialidade que no mínimo, traduz significado” (BUTLER, 2011, p. 72), portanto corpo é uma materialização de possibilidades.

Revisitando as ideias de Merleau-Ponty e Beauvoir, Butler concorda que o corpo é uma situação histórica, e que não é uma materialidade idêntica a si própria, pois traduz significado.

“...o corpo não é apenas matéria, mas uma contínua e incessante materialização de possibilidades. Não somos simplesmente um corpo, mas, num sentido verdadeiramente essencial, fazemos o nosso corpo, e fazemo-lo diferentemente tanto dos nossos contemporâneos como dos nossos antecessores e sucessores” (BUTLER, 2011, p. 72).

Em seu mais conhecido livro “Problemas de Gênero”, Butler argumenta que o feminismo errou ao colocar a “mulher” como sendo capaz de produzir unidade para um grupo, que possui interesses em comum, visto que não existe uma mulher universal, que na prática acabam reforçando uma visão binária de gênero, onde há uma divisão clara entre homens e mulheres, impedindo o feminismo a escolha de sua própria identidade individual e suas possibilidades de opções.

Butler descreve que as feministas rejeitaram a opinião que a biologia é destino, ideia oriunda de Beauvoir. Argumenta que a cultura impõe os gêneros feminino e masculino, através de corpos “masculinos” e “femininos”. Portanto, não existe escolha, quando o gênero é construído de forma natural (biológico) ou cultural, ele assim sendo é imposto.

Nas relações entre um papel teatral e um papel social, Butler demonstra através do pensamento Bruce Wilshire, as distinções entre as performances teatrais que são censuradas e vistas de forma sarcástica, versus as performances de gênero que são punitivas, a este respeito diz “de facto, ver um travesti num palco pode provocar prazer e aplausos, enquanto ver o mesmo travesti sentado ao nosso lado num autocarro pode levar ao medo, a raiva, ou mesmo a violência” (BUTLER, 2011, p. 81).

Para Butler o gênero deveria ser visto como uma variável fluída que se desloca e se transforma em diferentes contextos e períodos históricos, sendo que o gênero e o desejo são flexíveis, e que o confinamento em qualquer identidade pode potencialmente ser reinventado pelo sujeito. Assim Butler define gênero:

“O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história assoberbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este acto contínuo e confundido com um dado linguístico ou natural, o poder e posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de *performances* subversivas de vários tipos” (BUTLER, 2011, p. 87).

Teoria queer

Primeiramente para entender a teoria queer, precisamos entender a o significado da origem da palavra queer, que traduzido do inglês, pode ser entendido algo estranho e esquisito, utilizado para ofender pessoas. Queer tem uma origem multifacetada e global, que passou a ser utilizada positivamente em um movimento ocorrido na década de 80 nos Estados Unidos, que lutavam em busca de identidade e liberdade sexual para lésbicas e gays. Uma data marcante é 1973, quando a homossexualidade deixa de ser considerados patologia pela Sociedade Americana de Psiquiatria,

além disso deixa de ser considerada como crime na sociedade norte americana. Entre 1968 e 1981, teremos um período de despatologização da homossexualidade, porém sua repatologização se dá a partir de 1981 com a epidemia da HIV/aids, gerando um momento de pânico de transmissão sexual. Neste mesmo período o campo político foi marcado por governos autoritários, conservadores e neoliberais. Dentro deste contexto, a epidemia de HIV/aids, teve como ponto positivo, o incentivo aos estudos sobre a homossexualidade e o pensamento que posteriormente seria chamado de queer, que questionava os saberes existentes, a partir da diversidade de sexo, gênero e sexualidade, que fomentava um tipo de preconceito e pânico social. Para caracterizar esse regime de discursividade a teoria queer, vai criar o conceito de heterossexualidade compulsória, para referir à exigência que todas as pessoas deveriam ser heterossexuais, passando por um discurso social, encontrado na política, na família e na educação, considerando que todas as pessoas que não são heterossexuais são doentes ou devem ser explicadas.

Já a heteronormatividade, diz respeito ao comportamento e a forma de organizar a vida das pessoas segundo o modelo heterossexual, mantendo uma linearidade entre o sexo e gênero, assim uma pessoa se define de acordo com o seu sexo biológico. Isso que os queer buscam atacar, dizendo que não existe essa linearidade entre sexo e gênero, isso se dá através de uma construção da maneira que a pessoa quiser, e uma das defensoras dessa teoria é Judith Butler. A partir do momento em que a heterossexualidade compulsória vem perdendo espaço em alguns países, a teoria queer vem ganhando espaço. Em 1991, Tereza de Lauretis durante um evento na Universidade da Califórnia, batizou essa vertente como Teoria Queer.

A teoria queer é um campo de pesquisa que problematiza todas áreas do saber, partindo de experiências de sexualidade de gênero dissidente, como as homossexuais, transexuais, bissexuais entre outras. Baseando-se numa linguagem dos atos de fala, ou seja, quando digo algo, significa que eu estou fazendo, e numa linguagem de performance, onde a construção se dá por uma repetição da discursividade, nesse sentido os teóricos queer atacam a discursividade heterossexual.

A primeira área que a teoria queer atua é na prática de “si”, criando novas práticas de vida que não são determinadas pelo sexo. Assim Butler, cria o conceito de performatividade para gênero, sexo e sexualidade, onde ocorre porque são atos que as pessoas repetem todos os dias que dão uma aparência de uma natureza heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, etc. Para Butler (2003, p.154-156):

[...] a performatividade deve ser compreendida não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os discursos que ele nomeia. [...] as normas regulatórias do sexo trabalham de uma forma

performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

Os discursos podem se tornar determinantes nas identificações sexuais, pois desde o nascimento a criança é levada a uma performance que a define de acordo com o seu sexo biológico.

A segunda área que a teoria queer atua é o regime de discurso, influenciado pelas Escola dos Annales, antes toda a produção historiográfica era realizada através de documentos oficiais, após a Escola dos Annales qualquer coisa será fonte de estudo, priorizando as minorias e classes subalternas.

A terceira área são as instituições, na sua forma estrutural, que disciplina a sociedade, como podemos observar a arquitetura dos banheiros, comunica-se alguma coisa, e observar como reforçam um discurso de uma sociedade disciplinar e se houver uma alteração poderá formar sujeitos mais dóceis e não resistente a essa discursividade.

A teoria queer é muito influenciada pelos pós-estruturalistas francêss, que é a filosofia do século XX, onde Foucault e Derrida trabalham na desconstrução da hegemonia heterossexual, representada por um estrutura familiar patriarcal, buscando dar vez e vozes as classes reprimidas. Nesta visão pós-estruturalista, temos uma concepção que não existe estrutura humana, pois o sujeito é criado pelas instituições, pela política e pela cultura do meio em que vive, o que há é um historicismo radical, e tudo que é característico do ser humano foi construído historicamente.

De Foucault, os queer incorporaram a analítica do poder, daí em suas obras o poder não ser algo que se possui ou se delimita, mas que se exerce ou ao qual se é submetido em uma situação permanentemente dinâmica em termos históricos e culturais. Neste sentido, a mistura de Derrida e Foucault visa mapear o potencial de resistência interno a certos regimes de poder. (MISKOLCI, 2011, p 53)

Para atacar as práticas de si, criam-se dois conceitos fundamentais que é a plasticidade e a performatividade. Eu construo quem eu sou, transformo meu corpo por meio de cirurgia, roupas, maquiagem e maneiras de se comportar.

O questionamento queer, baseia-se em uma negação da naturalização do gênero da pessoa e a sua sexualidade, ficando a história para seu caráter construtivo da subjetividade.

Os conceitos de cultura trabalhos no pensamento queer, não tem sua origem na antropologia, mas nos estudos culturais, derivando de um marxismo crítico de Gramsci, onde a desconstrução ganha uma força dentro do pensamento queer, na medida que não busca explicar as pessoas como elas são, mas desconstruir a cultura, com o propósito de descobrir o motivo pelos quais as pessoas se tornaram o que realmente são, propondo uma investigação em torno da homossexualidade, sob uma nova ótica.

Dessa forma, os estudos queer se diferenciariam dos estudos de gênero, vistos como indelevelmente marcados pelo pressuposto heterossexista da continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas, tanto quanto dos estudos gays e lésbicos, comprometidos com o foco nas minorias sexuais e os interesses a eles associados. Cada uma dessas linhas de estudo tomaria, como ponto de partida, binarismos (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) que, na perspectiva queer, deveriam ser submetidos a uma desconstrução crítica. Queer desafiaria, assim, o próprio regime da sexualidade, ou seja, os conhecimentos que constroem os sujeitos como sexuados e marcados pelo gênero, e que assumem a heterossexualidade ou a homossexualidade como categorias que definiriam a verdade sobre eles. (MISKOLCI ; SIMÕES, 2007, p.10-11)

A teoria queer deseja a transformação social, numa perspectiva crítica para mudar a sociedade, não se limitando a uma assimilação para enquadrar dentro da sociedade para ser aceito por ela, ou seja, os queer não aceitam a sociedade como ela se apresenta, dentro desses parâmetros conservadores.

CONCLUSÃO

As discussões temáticas acerca da constituição de gênero, sob a luz das ideias de Judith Butler, demonstram os desafios que a constituição de gêneros tem para enfrentar, numa sociedade predominantemente alicerçada na identidade heterossexual, e quem não segue essas regras são estereotipadas e agredidas psicologicamente e fisicamente. Há uma urgência de conscientização de repensar estas estruturas, com intuito desconstruir para algum dia alcançarmos uma sociedade que respeite, as nossas diferenças e as nossas igualdades.

Diante dessas constatações, é visível a necessidade de trazer discussões, que contribuem para a quebra de paradigmas que cristalizaram em nossa sociedade, impostas por uma ordem biológica ou cultural. Um olhar questionador para desconstruir um olhar construído pela política, cultura e sociedade predominantemente patriarcalista.

Compreender a constituição de gênero, dentro da visão bluteriana, é não comungar com grupos conservadores que no seu discurso reproduzem o caminho para o preconceito. Esses novos significados para a constituição de gênero, só serão absorvidos se houver mudanças de comportamento e atitude, construídos por meio de novas performances, que não sejam repeti-las e nem segui-las, onde todos os padrões sejam suprimidos, dando vez e vozes às necessidades íntimas e particulares.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan. Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires, Paidós, 2008.

BUTLER, Judith. **Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo, Perspectiva, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. São Paulo, Graal, 2005.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias, Porto Alegre: PPGS-UFRGS, n. 21, p. 150-182, 2009.

_____. **Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer**. In: SOUZA, Luís Antonio Francisco et al. **Michel Foucault : sexualidade, corpo e direito**. Marília : Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 47-68, 2011.

REIS, Daniele Fernandes. **Butler: Política, Performatividade E Desconstrução de Gênero**. Dissertação Mestrado em Filosofia. Universidade São Judas Tadeu ,São Paulo, 2014.